EFA: Escala Fatorial de Autoconceito*

ALVARO TAMAYO**

1. Introdução; 2. O autoconceito; 3. Mensuração do autoconceito; 4. Construção e validação do EFA; 5. Precisão do EFA.

O *self* somático, o *self* pessoal (segurança e autocontrole), o *self* social (receptividade social e atitude social) e o *self* ético-moral foram considerados como dimensões de autoconceito e incluídos na hipótese de construção do EFA. Os itens foram construídos a partir de um levantamento feito com uma amostra de 322 sujeitos. Para a análise dos itens foi utilizada uma amostra de 540 sujeitos. Os itens foram intercorrelacionados pelo coeficiente de correlação do produto-momento de Pearson. A estrutura da matriz de intercorrelações 111 x 111 indicou a existência de fatores. Esta matriz foi analisada fatorialmente a fim de eliminar os itens que não apresentassem cargas fatoriais significativas em nenhum dos fatores. Os 79 itens restantes foram administrados a uma amostra de 893 sujeitos. Os dados obtidos foram submetidos a análise fatorial. Os seis fatores extraídos representam as dimensões do autoconceito postuladas na construção do EFA. O coeficiente de precisão foi calculado para cada um dos fatores e para o total. Eles são todos altamente significativos.

1. Introdução

O interesse pelo estudo do autoconceito desenvolveu-se no contexto da fenomenologia existencial e deu rapidamente origem a numerosas pesquisas e publicações. O primeiro a analisar sistematicamente a noção de autoconceito foi William James em 1890 na sua publicação intitulada *Principles of psychology*, na qual consagrou um capítulo a The consciousness of self. Em 1961 Patterson afirmava que a área do autoconceito tinha-se desenvolvido tanto a partir das teorias de Rogers, que a psicologia havia-se tornado numa psicologia do autoconceito. De fato, uma quantidade considerável de publicações referiam-se direta ou indiretamente ao autoconceito. Gordon e Gergen levantaram em 1968 uma bibliografia de mais de 2.500 publicações referentes ao autoconceito. Segundo L'Ecuyer (1978), em 1976 este número chegava quase a 5.000. Na última década o interesse pelo estudo do autoconceito continua a fornecer um volume importante de publicações. Esta continuidade através já de quase um século no interesse pela exploração científica do autoconceito manifesta claramente que o estudo aprofundado desta questão constitui um horizonte prometedor no conhecimento do psiquismo humano.

*Apresentado à redação em 15.10.80.

** Da Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia. (Endereço do autor: SHIN-QI, conj. 2 - c/20 – 71.500, Brasília.)

O objetivo do presente estudo foi a construção e validação de uma escala de medida do autoconceito. Apesar de existir na literatura numerosos instrumentos psicométricos para a avaliação do autoconceito, nenhum deles foi, até o presente, traduzido e validado para a população brasileira.

Na primeira parte deste artigo, é definido e analisado brevemente o autoconceito e as suas dimensões, e são discutidos os problemas fundamentais da sua mensuração; na segunda parte, apresenta-se o processo de construção e validação do EFA.

2. O autoconceito

2.1 *Natureza e dimensões do autoconceito*

2.1.1 Noção de autoconceito

James define o autoconceito como o "conjunto de tudo aquilo que o indivíduo pode chamar seu, não só o seu corpo e suas capacidades físicas, mas também seus vestidos, sua casa, seu cônjuge, suas crianças, seus antepassados e amigos, sua reputação e seu trabalho, sua terra, seus cavalos, seu iate e sua conta bancária". Assim, para James, o *self* é tudo aquilo que pode ser chamado meu ou fazer parte de mim.

Outros autores salientam no autoconceito o seu aspecto multidimensional (Sarbin, 1954; Staines, 1954; Allport, 1961*a*, 1961*b*), assim como a organização hierárquica das suas dimensões (Gordon, 1968; L'Ecuyer, 1978). Mead (1963), Rodriguez Tomé (1972), Ziller (1973), entre outros, colocam a ênfase na influência da interação social na origem, estruturação e desenvolvimento do autoconceito.

Desde o início do estudo do *self* os pesquisadores procuraram estabelecer uma distinção clara entre o *self* e o ego. James (1910) já fazia a distinção entre o *self-as-knower* e o *self-as-known*, mais tarde surgiram outras distinções: o *self*-como-objeto (*self-as-object*) e o *self*-como-processo (*self-as-process*); o *self*-que-percebe (*perceiver*) e o *self*-que-age (*doer*). Foi assim introduzida a distinção entre as funções perceptivas e as funções ativas do indivíduo. As primeiras expressam a maneira como o sujeito se percebe, as atitudes e os sentimentos que ele sente com respeito a si mesmo; e as funções ativas são o conjunto de processos que governam o comportamento. As funções perceptivas são atribuídas ao *self*, e as funções ativas ao ego.

Contudo, esta distinção não foi sempre respeitada. Alguns autores (Sarbin, 1952, 1954; Combs e Snigg, 1959; Allport, 1943, 1956) praticamente suprimem a distinção, atribuindo ao *self* tanto as funções perceptivas como as ativas, e outros, como Bertocci, invertem os termos da distinção, caracterizando o ego pelas funções perceptivas e o *self* pelas funções ativas.

Estas contradições explicam-se facilmente se se considera que a distinção entre funções perceptivas e funções ativas é uma distinção *supérflua* e *artificial*, dando origem a uma *dualidade inecessária* (Gordon e Gergen, 1968). De fato, as funções perceptivas e ativas podem ser didaticamente dicotomizadas a fim de salientar tópicos de um mesmo fenômeno, mas na realidade elas são inseparáveis, elas fazem parte de um mesmo processo e são intimamente ligadas. Na autopercepção o indivíduo é simultaneamente sujeito percebido e sujeito-que-percebe, objeto de conhecimento e sujeito conhecedor.

Assim, o autoconceito designa as funções perceptivas e ativas. A percepção de si mesmo não é exclusivamente percepção, ela implica a participação das funções ativas para defender, conservar e desenvolver a autopercepção. A autopercepção pura não existe, ela implica sempre,

um dinamismo regulador. O *self* é o conceito de si mesmo, conceito desenvolvido e conservado ativamente.

O autoconceito pode ser delineado como uma organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo. O conteúdo destas percepções é tudo aquilo que o indivíduo reconhece como fazendo parte de si mesmo: sentimentos, traços, imagens etc. O autoconceito é composto por várias dimensões tais como o *self* social, o *self* pessoal, o *self* somático, o *self* ético-moral. Convém salientar, porém, que estas dimensões são organizadas e hierarquizadas, existindo coerência e integração entre os diferentes componentes. Por outra parte, o *self* é adaptável, o que significa que ele não é perfeitamente estável e estático, mas regulado pelo dinamismo individual, pelas características da interação social e pelo contexto situacional.

Existe uma série de mudanças no autoconceito que o indivíduo emprega para maximizar as possibilidades de aceitação pelos outros (Sorokin, 1947). Assim, o autoconceito pode mudar em função das características do interlocutor e/ou da situação no relacionamento social (Gergen, 1972; Gergen e Wishnow, 1965). Estas mudanças não são necessariamente o resultado de uma decisão consciente da pessoa, mas o resultado de seu modo habitual e inconsciente de relacionamento com outrem. O *self* é eminentemente social. "Properly speaking", afirma James (1968), "a man has as many selves as there are individuals who recognize him and carry an image o him in their mind."

2.1.2 Dimensões do autoconceito

James assinalava já o caráter multidimensional do *self*. Ele distinguia 3 dimensões (*constituents*) no *self*: o *self* material, o *self* social e o *self* espiritual. Este modelo de James não só inspirou a maioria dos pesquisadores, mas ele pode ser considerado perfeitamente contemporâneo. As oito *categorias* propostas por Gordon (1968) e as *fasetas múltiplas* de Ziller (1973) mesmo se contribuem à compreensão do autoconceito não tiveram o sucesso do modelo de James.

Podem-se considerar como dimensões fundamentais do autoconceito as seguintes: o *self* somático, o *self* pessoal, o *self* social e o *self* ético-moral.

O *self* somático é o resultado, primeiro, do fato que o ser humano vive encarnado num corpo, num corpo físico, que é exclusivamente seu; segundo, das percepções diretas e indiretas que ele tem do seu corpo; e terceiro, da maneira como o seu corpo é percebido pelos outros. A imagem do corpo é formada por um conjunto de percepções sobre a maneira como o corpo aparece para o indivíduo. A complexidade do *self* somático manifesta-se no fenômeno do *membro fantasma*, isto é, o membro ausente (braço, perna etc.) que continua a ser sentido pelo indivíduo como se ele ainda existisse. A pessoa continua recebendo sensações de um membro que não existe mais (Simmel, 1966; Schilder, 1968). A estruturação do *self* somático e a maneira como os diferentes membros do corpo são integrados nesta imagem dependem da valorização cultural e histórico-individual que elas recebem, assim, o que interessa é o corpo vivido pelo indivíduo, que pode ser muito diferente do corpo objetivo, anátomo-fisiológico. A aparência física e o estado físico são componentes fundamentais do *self* somático. A qualidade estética do corpo está intimamente ligada ao *self* somático, e ela é um fator importante na regulação das relações sociais. A beleza do corpo tem uma dimensão social, uma pessoa é bela essencialmente para os outros (Schilder, 1968).

A estrutura *self pessoal* consiste na maneira como o indivíduo se percebe como pessoa, nas características psicológicas que ele se atribui. Duas subestruturas fundamentais compõem o *self* pessoal:

a) a subestrutura *segurança pessoal* formada pelas percepções e sentimentos de permanência e de confiança em si mesmo;
b) a subestrutura *autocontrole* compreende as percepções da maneira como o indivíduo disciplina a sua atividade, as suas relações e a sua interação com o mundo.

A estrutura *self social* consiste na abertura do indivíduo para os outros, na procura de interação, no desejo de complementariedade de si e do outro, na necessidade de reconhecimento pelos outros. Duas subestruturas fazem parte do *self* social:

a) a subestrutura *receptividade social* formada pelas percepções da predisposição social do indivíduo, das suas inclinações com respeito ao relacionamento interpessoal, da sua abertura aos outros, da sua capacidade pessoal de comunicação;
b) a subestrutura *atitude social* compreende as percepções dos *patterns* de reação que o indivíduo utiliza no seu relacionamento com os outros e com a sociedade em geral.

A estrutura *self ético-moral* está baseada nas crenças sobre o que é bom e o que é mal e é formada pelas auto-avaliações do indivíduo e pelas percepções sociais provenientes dos outros, que o indivíduo entrojeta. A avaliação do comportamento próprio à luz dos imperativos ético-morais fornece ao indivíduo uma imagem da sua dignidade moral. Esta imagem é completada pela *imagem social*, pela maneira como ele é percebido pelos outros, que é interiorizada e integrada como parte da sua própria percepção.

Todas estas dimensões do *self* são hierarquizadas e organizadas de maneira a formar uma entidade unificada onde todos os elementos encontram-se integrados. Contudo, esta organização é dinâmica e adaptável às exigências e solicitações da sociedade, da cultura e do meio-ambiente.

3. Mensuração do autoconceito

Como avaliar o autoconceito? A resposta é simples: se o autoconceito é a maneira como o indivíduo se percebe e o que ele faz para conservar esta percepção, não tem dúvida que a medida mais adequada é a autodescrição. É uma medida baseada na introspecção, o que implica a possibilidade de falsificações provocadas pela desejabilidade social, assim como distorções perceptivas e seleção perceptiva induzidas pelo inconsciente. Porém, a mensuração do autoconceito não visa a verdade absoluta do indivíduo, mas a verdade percebida por ele mesmo. O que é visado são as percepções fundamentais do indivíduo sobre si mesmo e a maneira como elas são vivenciadas. A autodescrição, mesmo se deformada parcialmente pelo inconsciente, fornece as vivências do indivíduo, as suas experiências íntimas e a maneira como ele se percebe. Só através da introspecção pode ser atingido este material.

Assim, o método fundamental de mensuração do *self* está baseado na introspecção, na autodescrição. Esta autodescrição geralmente consiste num relatório verbal ou escrito que a pessoa faz sobre si mesma. Pode ser:

– autodescrição completamente livre a partir de uma pergunta geral: *Quem é você?*
– autodescrição a partir de uma lista de adjetivos, características ou frases propostas pelo pesquisador, seguidas de uma escala (*Q-sort*, diferenciador semântico etc.).

É evidente que a mensuração do autoconceito realizada através de técnicas inferenciais, tais como testes projetivos, observações etc. (Ziller, 1973; Combs, Soper e Couson, 1963; Crowne e Stephens, 1968), não atingem o vivido do indivíduo. Estas técnicas podem ser úteis para estabelecer a maneira como o sujeito aparece para o observador exterior ou para revelar dimensões inconscientes do indivíduo, mas não para estudar as suas percepções sobre si mesmo. A insistência de alguns autores pelos métodos inferenciais na mensuração do autoconceito obedece a uma inquietude exagerada de objetividade. Nesta perspectiva a psicologia pode não ser mais a ciência do psiquismo mas simplesmente do comportamento exterior e observável. Existe uma dificuldade enorme: "même dans une science aussi humaine que la psychologie, à reconnaître la réalité intérieure de l'individu comme un donné Scientifique aussi valable et important que n'importe quel autre résultat obtenu à partir de contrôles expérimentaux définis par l'examinateur." (L'Ecuyer, 1978, p. 109.)

Uma primeira categoria de instrumentos de medida do autoconceito é aquela da descrição livre. A técnica *quem é você* (*Who Are You*) ou técnica WAY foi introduzida por Bugental e Zelen (1950). A grande vantagem desta técnica consiste no fato de não impor de limites ao sujeito na sua autodescrição. Vários outros autores (Kuhn e Mc Partland, 1954; Gordon, 1968) utilizam esta técnica, procurando ao mesmo tempo aperfeiçoar o procedimento de categorização do conteúdo recolhido. O WAY, o TST (*Twenty-Statement-Test*) de Kuhn e Mc Partland (1954), e o GPS (*Genèse de Perceptions de Soi*) de L'Ecuyer (1975*a*) são os mais conhecidos nesta categoria.

Nos instrumentos inspirados da técnica WAY, dois critérios fundamentais são utilizados na análise dos protocolos: *a*) a importância quantitativa da verbalização em torno de um argumento; *b*) a posição ordinal dos enunciados. Os primeiros enunciados formulados expressariam as percepções fundamentais do indivíduo. O postulado de base destes dois critérios é pouco sólido, e não existem estudos visando a sua validação empírica. Evitando a fraqueza destes critérios, L'Ecuyer (1975*a*) utiliza, na análise do GPS, um critério baseado na freqüência dos enunciados através dos diferentes indivíduos do grupo examinado. Desta maneira ele distingue as percepções centrais, isto é, aquelas que aparecem em 70% ou mais das descrições estudadas, as percepções secundárias, que aparecem em 30% ou menos dos relatórios analisados, e as percepções intermediárias (entre 31% e 69%). Num esforço para submeter o seu critério à prova, L'Ecuyer confronta os resultados obtidos através de sua análise com as respostas dos sujeitos à seguinte pergunta, formulada imediatamente depois da resposta ao estímulo inicial. "O que é o mais importante para você de tudo o que acaba de descrever? " Os resultados mostram que as percepções julgadas mais importantes pelos sujeitos se encontram sempre na lista das percepções centrais, obtida através do procedimento quantitativo.

A validade das autodescrições livres não é problema, no sentido que elas medem o que se pretende medir. Porém, esta validade é ameaçada pelos métodos de análise utilizados (posição ordinal, importância das verbalizações, percepções primárias e secundárias). Por outra parte, as percentagens, ou qualquer outra expressão quantitativa dos resultados, criam sérios problemas de validade e de precisão. Para ser colocados numa mesma categoria os enunciados devem ser formulados da mesma maneira, com as mesmas palavras? Não existe uma porta aberta à interpretação e mesmo à projeção? A classificação dos enunciados em categorias não apresentaria variações interpessoais e mesmo intrapessoais? Finalmente, a redução dos enunciados a umas poucas categorias não é um procedimento contrário àquele da descrição livre? Esta redução não está apagando uma parte da mensagem individual?

Uma solução aos problemas da autodescrição livre pode talvez ser encontrada na utilização rigorosa do método polimorfo e polifuncional da análise de conteúdo que, segundo a

expressão de Bardim (1977, p. 9) "se balance entre les deux pôles de la rigueur de l'objetivité et de la fécondité de la subjetivité". O autor não conhece estudos sobre o autoconceito nos quais se utiliza este método na análise das autodescrições livres.

Uma segunda categoria de instrumentos de medida do autoconceito é formada pelas autodescrições feitas através de itens e de escalas previamente elaboradas. O conteúdo destes instrumentos pode visar a totalidade do autoconceito ou uma das suas dimensões. As duas técnicas mais utilizadas são *Q-sort* e o diferenciador semântico. Evidentemente a validade e precisão de cada um destes instrumentos é função do procedimento de construção e de validação.

4. Construção e validação do EFA

Na construção do EFA, além da metodologia específica da psicometria, foi utilizada a técnica do diferenciador semântico (Osgood et alii 1957); (Osgood e Suci, 1969; Tanaka, 1967; Tzeng, 1975; Maguire, 1973; Bynner e Coxhead, 1979), cujo uso como instrumento de pesquisa psicológica tem sido solidamente estabelecido.

O diferenciador semântico, construído por Osgood et alii (1957) e empregado no estudo da significação dos mais variados conceitos, tem sido utilizado também na exploração do autoconceito (L'Ecuyer, 1978). Contudo, este uso tem sido objeto de numerosas críticas (Wylie, 1974). Estas críticas visam, em primeiro lugar, a sua validade visto que ele não foi originariamente construído para avaliar o autoconceito. Assim, os seus itens expressam características muito gerais e não foram uma amostra representativa das dimensões específicas do autoconceito. Em segundo lugar, o número reduzido de itens que dificilmente permite uma avaliação adequada do autoconceito. Estas críticas atacam diretamente características fundamentais de qualquer instrumento psicométrico o que faz duvidoso o *uso* do diferenciador semântico para a avaliação do autoconceito. "Strictly speaking, afirma Nunnally (1970, p. 133), one validates not a measuring instrument but rather some *use* which de instrument is put". Por uma parte, o diferenciador semântico nunca foi validado como instrumento de medida do autoconceito e, por outra parte, mesmo se validado para este uso, ele seria uma medida muito geral do autoconceito devido à generalidade dos seus itens.

Assim, o objetivo do presente estudo não foi de validar o diferenciador semântico como instrumento de medida do autoconceito, mas de construir um instrumento novo baseado na técnica do diferenciador semântico. Nas páginas seguintes é descrito o procedimento de validação.

4.1 *Construção dos itens*

"Of course, a test can no be better than the items of which it is composed." (Nunnally, 1970.) Na construção dos itens dois objetivos fundamentais foram visados:

1. construir itens adequados para descrever o autoconceito, quer dizer, capazes de formar uma amostra representativa das dimensões do autoconceito visadas na construção deste instrumento e já descritas na primeira parte deste artigo: o *self* somático, o *self* pessoal (segurança pessoal e autocontrole); o *self* social (receptividade social e atitude social), e o *self* ético-moral;
2. construir itens claros, precisos, perfeitamente compreensíveis pelos sujeitos.

Para garantir a obtenção destes dois objetivos, os itens foram construídos a partir de um levantamento feito com uma amostra de 322 sujeitos, dos quais 144 eram homens e 187 mulheres. Depois de explicar rapidamente o objetivo da pesquisa, foram passadas sucessivamente quatro folhas nas quais se pedia aos sujeitos que escrevessem 15 adjetivos que eles empregariam para se descrever do ponto de vista corporal, pessoal, social e ético-moral. Uma vez eliminados os adjetivos repetidos para cada dimensão, obteve-se uma lista global de 144 adjetivos. Esta lista foi posteriormente reduzida a 111 adjetivos, visto que alguns deles eram comuns para duas ou mais dimensões, e outros eram antônimos, passando assim a fazer parte de um mesmo item.

A fim de formar os itens bipolares previstos para este instrumento foi procurado no dicionário (Fernandes, 1957), o antônimo correspondente para cada adjetivo da lista. Os itens assim formados foram apresentados aleatoriamente num folheto, seguidos de uma escala de 7 pontos. As instruções explicavam o funcionamento da escala e insistiam na importância da sinceridade das respostas e no seu anonimato.

4.2 *Análise dos itens*

A fim de fazer uma análise dos 111 itens, eles foram aplicados a uma amostra de 540 sujeitos, dos quais 179 eram de sexo masculino e 357 de sexo feminino, com uma idade média de 22,5 anos (desvio-padrão 7,76), pertencentes à classe sócio-econômica média. A amostra incluía sujeitos originários de todas as regiões do Brasil, bem que em proporções não representativas.

Foram calculadas as correlações entre os 111 itens. A análise da matriz de correlações mostrou a existência de três conjuntos de coeficientes: correlações positivas, correlações negativas e correlações nulas. Este resultado indica claramente a presença no instrumento de vários conjuntos de itens, representando, possivelmente, as várias dimensões do autoconceito visadas na construção do EFA, e que poderão ser identificadas através da análise fatorial.

4.3 Validade do EFA

Várias dimensões fundamentais foram incluídas na hipótese de base: o *self* somático, o *self* pessoal (segurança e autocontrole), o *self* social (receptividade e atitude social) e o *self* ético-moral.

A validade do EFA foi estabelecida através da análise fatorial. Quatro análise fatoriais foram calculadas. Para a extração dos fatores foi utilizado o método dos componentes principais, sendo critério do número de fatores um *eigenvalue* igual ou superior a 1,5. A rotação foi oblíqua, segundo o método Oblimin, com um delta igual a zero (Harman, 1967).

Devido à limitação na capacidade do programa SPSSV7 (máximo 100 variáveis), três análises fatoriais tiveram como objetivo eliminar os itens que não apresentassem cargas fatoriais significativas para nenhum dos fatores obtidos.

A partir dos resultados destas três análises fatoriais foram eliminados 32 itens cujas respectivas cargas fatoriais foram inferiores a 0,40 em todos os fatores obtidos.

Os 79 itens restantes foram administrados a uma amostra de 893 sujeitos, cuja descrição encontra-se na tabela 1. Os resultados foram submetidos à análise fatorial segundo o método já descrito. O número de fatores foi limitado a seis, visto que a hipótese de base na construção do instrumento exigia este número. Os seis fatores obtidos expressam adequadamente as dimensões

Tabela 1

Dados demográficos da amostra ($N = 893$)

Variáveis	Níveis	Freqüência	(%)
Sexo	Masculino	317	35,5
	Feminino	573	64,2
	SR	3	0,3
Idade	⩽ 18	172	19,3
	19 – 21	273	30,6
	22 – 25	203	22,7
	⩾ 26	245	27,4
Origem	Norte	44	4,9
	Nordeste	171	19,1
	Sudeste	427	47,8
	Sul	64	7,2
	Centro-Oeste	152	17,0
	SR	35	3,9
Estado civil	Solteiro	619	69,3
	Casado	236	26,4
	Divorciado	8	0,9
	Outro	20	2,2
	SR	10	1,1
Instrução	Primeiro grau	39	4,4
	Segundo grau	214	24,0
	Superior	632	70,8
	SR	8	0,8

SR = sem resposta.

do autoconceito visadas na construção do EFA, a saber, o *self* somático, o *self* pessoal (segurança e autocontrole), o *self* social (receptividade social e atitude social) e o *self* ético-moral. As cargas fatoriais para os seis fatores encontram-se nas tabelas 2,3,4,5,6 e 7.

Os fatores I e III expressam as duas subestruturas do *self* pessoal: a *segurança* e o *autocontrole*, respectivamente. Os itens do fator I (tabela 2) expressam claramente a idéia de segurança pessoal, de confiança em si mesmo. Eles descrevem uma dimensão bipolar definida pelo continuum insegurança-segurança. Esta dimensão compreende a firmeza, a estabilidade, a coragem, a persistência. Um escore elevado no fator I revela um sentimento de segurança forte, ao passo que o escore baixo manifesta que o sujeito se percebe como inseguro.

A tabela 4 apresenta as cargas fatoriais para o fator III. Os itens mais saturados: anárquico-organizado, desligado-ligado, distraído-atento, desordenado-sistemático, traduzem o domínio do indivíduo sobre o seu comportamento, a qualidade da sua presença no mundo, a autodisciplina, o autocontrole pessoal. Os indivíduos que escoram alto neste fator são pessoas que se consideram organizadas, sistemáticas, disciplinadas, atentas ao que ocorre no seu meio-ambiente. Pelo contrário, o escore baixo indica a pessoa distraída, anárquica, sem suficiente controle do seu comportamento e sem suficiente capacidade de perceber e integrar os estímulos emitidos pelos outros e pelos objetos.

Tabela 2

Cargas fatoriais dos itens do fator I

Itens			Carga
Inseguro(a)	–	Seguro(a)	0,72
Vacilante	–	Firme	0,65
Indeciso(a)	–	Decidido(a)	0,61
Complexado(a)	–	Seguro(a)	0,59
Frágil	–	Forte	0,50
Instável	–	Estável	0,56
Frustrado(a)	–	Realizado(a)	0,49
Dominado(a)	–	Dominante	0,46
Covarde	–	Corajoso(a)	0,50
Volúvel	–	Estável	0,45
Medroso(a)	–	Aventureiro(a)	0,44
Tenso(a)	–	Descontraído(a)	0,44
Inconstante	–	Constante	0,43
Preocupado(a)	–	Tranqüilo(a)	0,43
Descontrolado(a)	–	Controlado(a)	0,41
Passivo(a)	–	Ativo(a)	0,40
% da variância comum			54,4

O fator II (tabela 3) apresenta 12 itens com cargas fatoriais significativas. O conteúdo semântico deste fator corresponde à segunda subestrutura do *self* social, a atitude social. Ele avalia a atitude do sujeito com respeito aos outros e aos valores dos outros, a autopercepção sobre a sua maneira geral de interagir com os outros. O escore elevado neste fator indica um *pattern* de relacionamento compreensivo e delicado, implicando o respeito pelo outro e pelos

Tabela 3

Cargas fatoriais dos itens do fator II

Itens			Carga
Briguento(a)	–	Pacífico(a)	0,66
Agressivo(a)	–	Gentil	0,63
Impaciente	–	Paciente	0,63
Bravo(a)	–	Manso(a)	0,60
Nervoso(a)	–	Calmo(a)	0,60
Brusco(a)	–	Delicado(a)	0,54
Rebelde	–	Dócil	0,58
Vingativo(a)	–	Pacífico(a)	0,52
Intolerante	–	Tolerante	0,51
Extremista	–	Moderado(a)	0,47
Preocupado(a)	–	Tranquilo(a)	0,44
Descontrolado(a)	–	Controlado(a)	0,42
% da variância comum			15,3

Tabela 4

Cargas fatoriais dos itens do fator III

Itens			Carga
Anárquico(a)	–	Organizado(a)	0,69
Desligado(a)	–	Ligado(a)	0,66
Desorganizado(a)	–	Organizado(a)	0,65
Distraído(a)	–	Atento(a)	0,65
Desordenado(a)	–	Sistemático(a)	0,64
Desatento(a)	–	Atento(a)	0,64
Descuidado(a)	–	Cuidadoso(a)	0,62
Indisciplinado(a)	–	Disciplinado(a)	0,59
Irresponsável	–	Responsável	0,54
Preguiçoso(a)	–	Trabalhador(a)	0,51
Imprudente	–	Prudente	0,48
Esquecido(a)	–	Lembrado(a)	0,46
Desinteressado(a)	–	Interessado(a)	0,44
Instável	–	Estável	0,43
Vacilante	–	Firme	0,42
Inconstante	–	Constante	0,40
Desajeitado(a)	–	Habilidoso(a)	0,40
% da variância comum			10,0

Tabela 5

Cargas fatoriais dos itens do fator IV

Itens			Carga
Desleal	–	Leal	0,73
Desonesto(a)	–	Honesto(a)	0,65
Traidor(a)	–	Fiel	0,65
Mentiroso(a)	–	Sincero(a)	0,59
Infiel	–	Fiel	0,55
Falso(a)	–	Franco(a)	0,53
Imprudente	–	Prudente	0,51
Injusto(a)	–	Justo(a)	0,51
Inautêntico(a)	–	Autêntico(a)	0,50
Irresponsável	–	Responsável	0,47
Maldoso(a)	–	Bondoso(a)	0,44
Indisciplinado(a)	–	Disciplinado(a)	0,44
Insensível	–	Sentimental	0,43
Hostil	–	Amigo(a)	0,42
Desrespeitador(a)	–	Respeitador(a)	0,41
Desinteressado(a)	–	Interessado(a)	0,41
Descortês	–	Cortês	0,40
Detestado(a)	–	Amado(a)	0,40
% da variância comum			8,5

seus princípios e valores. O escore baixo revela um modelo de interação interpessoal brusco, agressivo e exigente.

Vinte e dois itens apresentaram carga fatorial significativa no fator VI (tabela 7). Eles expressam um conjunto de traços bipolares de personalidade que, dependendo da direção, facilitam ou dificultam o relacionamento social. Assim, o fator VI mede o grau de abertura aos outros, a capacidade, ao nível da estrutura da personalidade, para comunicar socialmente. Estas características expressam o conteúdo da *receptividade social*, que é uma das subestruturas do *self* social. Os itens mais saturados neste fator são: retraído-expansivo, introvertido-extrovertido, fechado-aberto, inibido-desinibido, popular-impopular.

Um escore baixo no fator VI indica que o indivíduo se considera um solitário, fechado aos outros, com uma capacidade de relacionamento social fraca, tímido, puxado para trás. Ele sente em si mesmo uma resistência que freqüentemente pode ser oposta ao seu desejo profundo de superar a solidão. O indivíduo com um escore elevado se percebe como uma pessoa social, que gosta de comunicar, aberta aos outros, popular, desejada pelos outros.

Tabela 6

Cargas fatoriais dos itens do fator V

Itens			Carga
Desgracioso(a)	–	Esbelto(a)	0,70
Deselegante	–	Elegante	0,68
Deforme	–	Sexy	0,65
Desarrumado(a)	–	Arrumado(a)	0,61
Descuidado(a)	–	Alinhado(a)	0,58
Feio(a)	–	Lindo(a)	0,54
Escasso(a)	–	Exuberante	0,54
Repelente	–	Atraente	0,52
Frio(a)	–	Sensual	0,49
Detestado(a)	–	Amado(a)	0,46
Antipático(a)	–	Simpático(a)	0,44
Indesejado(a)	–	Desejado(a)	0,44
Desagradável	–	Agradável	0,38
% da variância comum			6,9

O fator IV (tabela 5) é composto por 18 itens. O seu conteúdo é fácil de determinar visto que os itens expressam características ético-morais, tais como desleal-leal, mentiroso-sincero, desonesto-honesto, infiel-fiel, injusto-justo, maldoso-bondoso etc. Facilmente pode ser reconhecido no conteúdo deste fator a dimensão ético-moral do autoconceito. O fator IV expressa as auto-avaliações relativas aos princípios éticos fundamentais de honestidade, justiça, bondade, autenticidade e lealdade. Um coeficiente elevado neste fator significa que o indivíduo se percebe como uma pessoa cuja conduta e comportamento são regulados pelas normas ético-morais e que se reconhece como digno e honesto.

A tabela 6 apresenta as cargas fatoriais para os itens do fator V. O conteúdo deste fator é definido por itens tais como *esbelto, elegante, sexy, arrumado, lindo, atraente* etc. que descrevem o *self* somático. Assim, o escore no fator V pode ser considerado como uma avaliação da

Tabela 7

Cargas fatoriais dos itens do fator VI

Itens			Carga
Retraído(a)	–	Expansivo(a)	0,79
Introvertido(a)	–	Extrovertido(a)	0,77
Fechado(a)	–	Aberto(a)	0,67
Inibido(a)	–	Desinibido(a)	0,66
Impopular	–	Popular	0,66
Desentrosado(a)	–	Entrosado(a)	0,64
Tímido(a)	–	Audaz	0,64
Solitário(a)	–	Social	0,63
Enfadonho(a)	–	Divertido(a)	0,55
Insociável	–	Sociável	0,55
Triste	–	Alegre	0,55
Antipático(a)	–	Simpático(a)	0,50
Passivo(a)	–	Ativo(a)	0,50
Frio(a)	–	Sensual	0,49
Tenso(a)	–	Descontraído(a)	0,47
Inseguro(a)	–	Seguro(a)	0,46
Complexado(a)	–	Seguro(a)	0,45
Lento(a)	–	Ágil	0,44
Indeciso(a)	–	Decidido(a)	0,42
Deforme	–	Sexy	0,41
Indesejado(a)	–	Desejado(a)	0,40
Frustrado(a)	–	Realizado(a)	0,40
% da variância comum			4,9

percepção que o sujeito tem do seu corpo, da sua aparência corporal. Os indivíduos escorando alto neste fator possuem uma imagem corporal positiva. Quanto maior o escore, mais positiva a percepção do *self* somático.

A figura 1 ilustra a correspondência entre as dimensões do autoconceito postuladas na hipótese de base para a construção do EFA e os fatores obtidos. Pode-se concluir que a validade do EFA foi solidamente estabelecida. Os passos seguidos na construção dos itens e os tratamentos estatísticos utilizados garantem a sua validade. Com efeito, o atributo a ser medido foi

Tabela 8

Coeficientes *Alpha* e *Standardized item alpha* para os seis fatores do EFA e para o teste total

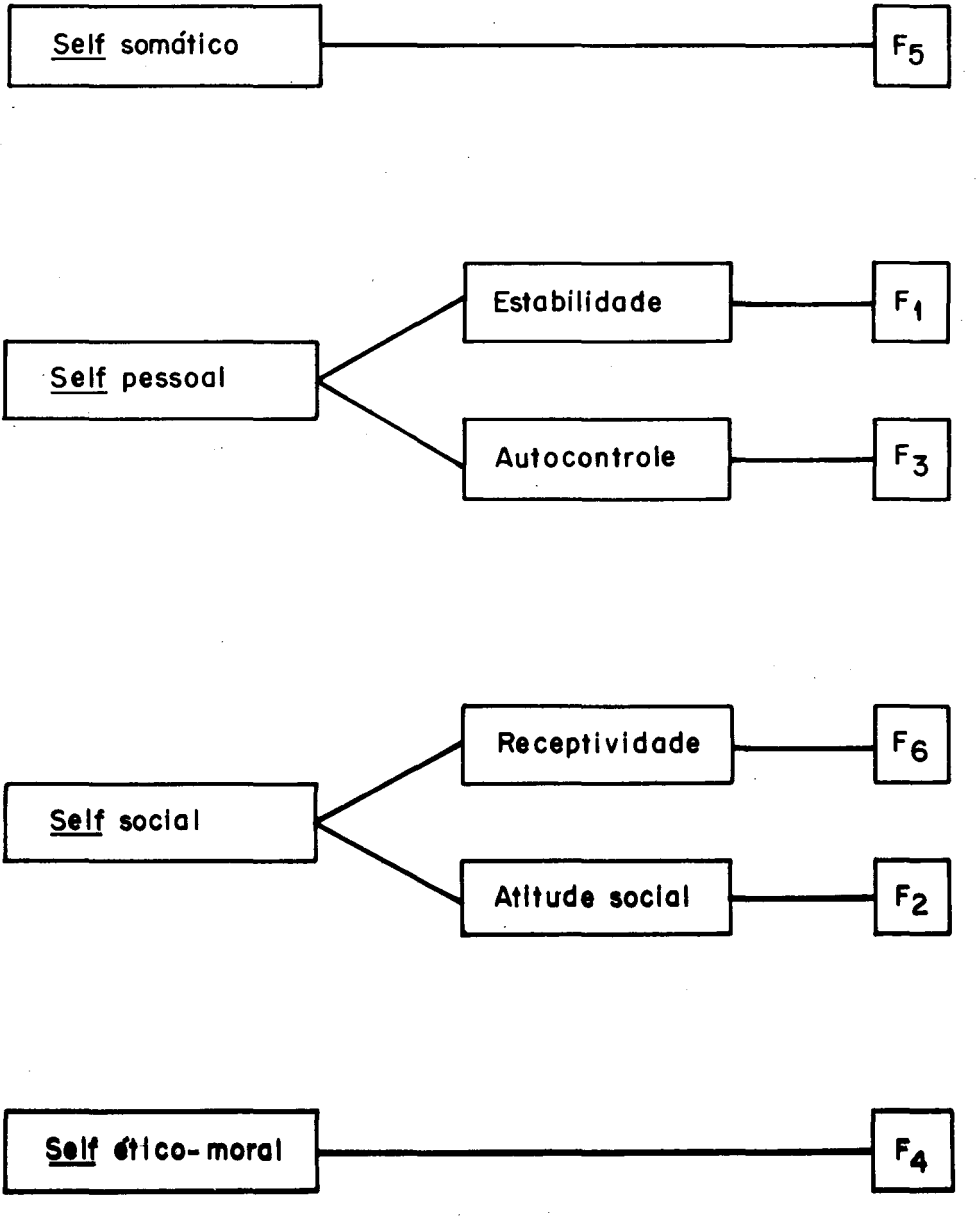
Coeficientes	F_I	F_{II}	F_{III}	F_{IV}	F_V	F_{VI}	T
Alpha	0,87	0,84	0,88	0,87	0,87	0,92	0,95
SIA	0,87	0,84	0,88	0,87	0,87	0,92	0,95
N.º itens	15	12	17	18	13	22	79

SIA = *Standardized item alpha.*

adequadamente coberto em sua conotação semântica através do levantamento feito perante uma amostra de 322 sujeitos. Este procedimento garante uma amostra de itens representativa do atributo que se pretendia medir. Não há dúvida de que os itens expressam características fundamentais de autoconceito. Além disso, a análise fatorial (n = 893) mostrou que os itens realmente medem cada uma das dimensões do autoconceito visadas na construção do EFA.

Figura 1

Fatores e dimensões do autoconceito



5. Precisão do EFA

Dois coeficientes de precisão foram calculados para cada um dos fatores do EFA e para o teste total: o coeficiente *alpha de Cronbach* e o *standardized item alpha* (Cronbach, 1951, 1960; Magnusson, 1975).

A tabela 8 apresenta os coeficientes de precisão para os seis fatores e para teste total. Todos os coeficientes são altamente significativos. Assim, a precisão tanto do teste total como de cada um dos seis fatores, foi solidamente estabelecida.

Conclusão, pode-se afirmar que o EFA, na sua forma de avaliação e precisão foram rigorosamente estabelecidos. Ele pode ser utilizado não só como instrumento de pesquisa, mas também na clínica, na seleção e nos programas de prevenção.

Summary

Somatic, personal, social and moral self were considered in the construction of a Factorial self-concept scale. A sample of 322 subjects was requested to write, for each of the dimensions considered, 15 adjectifs which they will use to describe them-selves. These adjectifs and their corresponding antonyms were randomly placed on a bipolar scale of 7 points, and then administered to a sample of 540 subjects for itens' analysis. The final 79 itens were tested with a sample of 893 subjects. The intercorrelation matrice was factor analysed, using the principal factor solution for the extraction of factors and the varimax criterion for rotation. Reliability was stablished for each factor and for the total scale. Alpha coeficiente for total scale was of 0.95.

Bibliografia

Allport, G. W. The ego in contemporary psychology. *Psychological Review, 50*: 451-78, 1943.

_____. The trend in motivation theory. In: Moustakas, C. E., ed. *The Self: explorations in personal growth*. New York, Harper, 1956.

_____. *Becoming: basic considerations for a psychology of personality*. New Haven, Yale University Press, 1961*a*.

_____. *Pattern and growth in personality*. New York, Holt 1961*b*.

Bardin, L. *L'Analyse de contenu*. Paris, PUF, 1977.

Bertocci, P. A. The psychological self, the ego, and personality. In: Hamachekled, D. E., ed. *The Self in growth, teaching and learning: selected readings*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall, 1965. p. 14-26.

Bugental, J. F. T. & Zelen, S. L. Investigations into the "self concept" The W-A-Y technique. *Journal of Personality, 18*: 483-98, 1950.

Bynner, J. & Coxhead, P. Some problems in the analysis of semantic differential data. *Human Relations, 32*: 367-85, 1979.

Combs, A. W. & Snygg, D. *Individual behavior: a perceptual approach to behavior*. New York, Harper, 1959.

Combs, A. W.; Soper, D. W. & Courson, C. C. The measurement of self concept and self report. *Educational and Psychological Measurement, 23:* 493-500, 1963.

Cronbach, L. J. Coeficient Alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika, 16*: 297-334, 1951.

_____. *Essentials of psychological testing*. New York, Harper & Row, 1960.

Crowne, D. P. & Stephens, M. W. Self-acceptance and self-evaluation behavior: a critique of methodology. In: Gordon, C. & Gergen, K. J., ed. *The Self in social interaction* New York, Wiley, 1968. p. 145-54.

Fernandes, F. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Globo, 1957.

Gergen, K. & Wishnov, B. Other's self-evaluation and interaction anticipation as determinants of self-presentation. *Journal of Personality and Social Psychology, 2*: 348-58, 1965.

Gergen, K. Multiple identity. *Psychology Today, 5*: 31-5, 1972.

Gordon, C. Self conceptions: configurations of content. In: Gordon, C. & Gergen, K. J., ed. *The Self in social interaction.* New York, Wiley, 1968.

Harman, H. H. *Modern factor analysis.* Chicago, University of Chicago Press, 1967.

James, W. *Psychology: the briefer course.* New York, Holt, 1910.

_____. *Principles of psychology.* London, Enciclopaedia Britanica, 1952. v. 53.

_____. The self. In: Gordon, C. & Gergen, K. J., ed. *The Self in social interactions.* New York, Wiley, 1968. p. 41-9.

Kuhn, M. H. & Mc Partland, T. S. A empirical investigation in self-attitudes. *American Sociological Review, 19*: 68-6, 1954.

L'ecuyer, R. *Le Concept de soi.* Paris, PUF, 1978.

L'Ecuyer, R. *La genèse du concept de soi: théorie et recherches. Les transformations des perceptions de soi chez les enfants agés trois, cinq et huit ans.* Sherbrooke, Naaman, 1975*a*.

Magnusson, D. *Teoría de los tests.* Mexico, Trillas, 1975.

Maguire, T. O. Semantic differential methodology for the structuring of attitudes. *American Educational Research Journal, 10*: 295-306, 1973.

Mead, H. *L'Esprit de soi et la société.* Paris, PUF, 1963.

Nunnally, J. C. *Introduction to psychological measurement.* New York, McGraw-Hill, 1970.

Osgood, C. E.; Suci, G. J. & Tannenbaum, P. H. *The Measurement of meaning.* Urbana, University of Illinois Press, 1957.

Osgood, C. E. & Suci, G. J. Factor analysis of meaning. In: Snider. J. G. & Osgood, C. E., ed. *Semantic differential technique. A source book.* Chicago, Aldine, 1969. p. 42-55.

Osgood, C. E.; May, W. H. & Miron, M. S. *Cross-cultural universals of afective meaning.* Urbana, University of Illinois Press, 1975.

Patterson, C. H. The self in recent rogerian theory. *Psychol. Japan., 4*: 156-62, 1961.

Rodriguez Tomé, H. *Le Moi et l'autre dans la conscience de l'adolescent.* Paris, Delachaux e Niestlé, 1972.

Sarbin, T. R. A preface to a Psychological analysis of the self. *Psychological Review. 59*: 11-22, 1952.

_____. Role theory. In: Lindzey, G., ed. *Handbook of Psychology.* Reading, Mass., Addison-Wesley, 1954. p. 223-54.

Schilder, P. The image and appearance of the human body. In: Gordon, C. & Gergen, K. J., ed. *The Self in social interaction.* New York, Wiley, 1968. p. 107-14.

Simmel, M. Developmental aspects of the body Scheme. *Child Development, 37*: 83-95, 1966.

Sorokin, P. *Society, culture, and personality: their structure and dynamics.* New York, Harper, 1947.

Staines, J. W. *A sociological and psychological study of the selfpicture and its importance in education.* Tese de doutorado. University of London, 1954.

Tamayo, A. & Raymundo, F. Self-concept of psychopaths. *Journal of Psychology, 97*: 71-7, 1977.

Tanaka, Y. Cross-cultural compatibility of the affective meaning systems (measured by means of multilingual semantic differentials). *Journal of Social Issues, 23*: 27-46, 1967.

Tzeng, O. C. S. Differentiation of affective and denotative meaning systems and their influence in personality ratings. *Journal of personality and social psychology, 32*: 978-88, 1975.

Wylie, R. *The self-concept*. v. 1: *A review of methodological considerations and measuring instruments*. Lincoln, University of Nebraska Press, 1974.

Ziller, R. *The Social self*. New York, Pergamon, 1973.